

# Pacote agrada mercado e bolsas fecham em alta

Bovespa chega a subir 4,61% de manhã e fecha a 1,97%, num dia de poucos negócios e mais tranquilidade no exterior

Flávia Oliveira e Lucinda Pinto

• RIO e SÃO PAULO. O mercado internacional deu uma força, o Governo brasileiro, um empurrão, e as bolsas de valores fecharam em alta no dia em que o Brasil foi apresentado ao pacote fiscal. Operadores e executivos de instituições financeiras aprovaram a dimensão do ajuste, que equilibra corte nos gastos com aumento de arrecadação. Eles acreditam também que o esforço do Governo deixará o Brasil em posição privilegiada no fim da crise do mercado internacional. As bolsas brasileiras subiram, num final positivo, mas faltou dinheiro para sustentar uma alta forte — a Bovespa movimentou apenas R\$ 545 milhões, praticamente metade do habitual. Tanto o índice da Bolsa de São Paulo como o IBV, do Rio, subiram 1,97%.

— O Governo brasileiro está tomando as medidas corretas, mas o mercado interno não tem dinheiro para dar um sinal mais intenso. Nós dependemos do capital externo — justifica Antônio Geraldo da Rocha, presidente do Banco Stock.

A explicação resume o sentimento de todo o mercado brasileiro. O ajuste fiscal distancia o Brasil das economias asiáticas e ajudará o país no médio e longo prazos. Mas a crise das últimas semanas ainda não está superada e vai continuar influenciando as cotações no curto prazo.

## Indefinição impediu maior volume de dinheiro nas bolsas

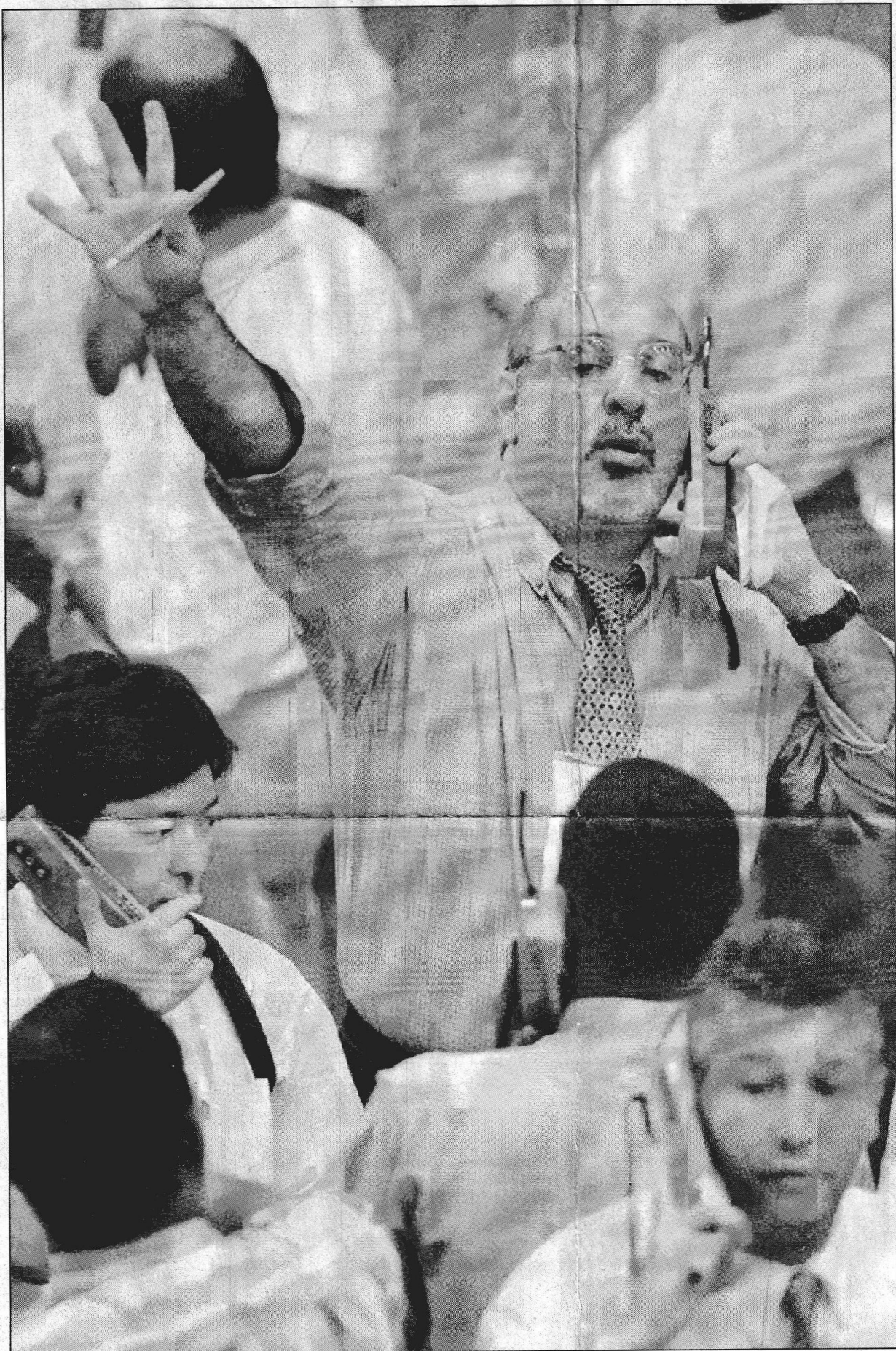
O vice-presidente de Tesouraria do ING Barings, Deiwes Rubira, diz que o Brasil já deu ao mundo pelo menos três sinais de que é diferente da Ásia. O primeiro foi o aumento dos juros. Em seguida, o leilão da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) reafirmou a intenção do Governo de acelerar as privatizações. E ontem veio o pacote fiscal.

— Temos certeza que no fim da crise, quando os investidores pararem para pensar, o Brasil terá uma posição privilegiada em relação a outros países, que nada fizeram. Mas essa instabilidade ainda vai durar alguns dias — prevê Rubira.

Foi justamente a indefinição dos donos do dinheiro que impediu que as bolsas brasileiras sustentassem o excepcional desempenho registrado na abertura. Nos primeiros minutos do pregão carioca — que abre meia hora antes do paulista — as ações da Telebrás chegaram a subir 9%. O melhor momento da Bolsa de São Paulo também foi registrado pouco depois da abertura dos negócios: 4,9% de valorização.

Mas bastou a Bolsa de Nova York começar a cair para levar junto a Bovespa, que chegou a recuar 0,11%. E foi só o Índice Dow Jones se recuperar para as bolsas por aqui entrarem no mesmo ritmo. As ações da Telebrás foram novamente destaque nos negócios tanto no Brasil como nos EUA. Nas primeiras horas do pregão em Nova York, as ADRs da companhia chegaram a valer US\$ 102. No fechamento, os papéis estavam cotados a US\$ 97, exatamente como na sexta-feira.

Na Bovespa, as ações da *holding* das telecomunicações subiram 2,8%, cotadas a R\$ 110 (no melhor momento do dia, chegaram a valer R\$ 114). Mas o melhor desempenho coube aos papéis da Petrobras, que subiram 4,09%. A estatal do petróleo puxou a valorização das *blue chips*, porque os analistas consideram que a companhia será beneficiada com o aumento dos combustíveis.



OPERADORES na Bolsa de São Paulo: aprovação ao pacote em dia de poucos negócios mas com alta nas cotações

Os analistas são unânimes em afirmar que somente as reformas fiscal, tributária, previdenciária e administrativa serão suficientes para reduzir definitivamente o risco de investimento no Brasil e, assim, atrair o capital externo ao país.

O nervosismo nas bolsas, portanto, pode não ser eliminado por causa das medidas fiscais do Governo. O vice-presidente do conselho do Banco Sul América, Roberto Teixeira da Costa, explica que o prejuízo registrado pelos estrangeiros na Ásia desencadeou um movimento de reavaliação dos preços dos ativos em todo o mundo. Até que se avalie qual o preço e o risco que esses investidores estão dispostos a pagar em países emergentes, os mercados continuarão oscilando internacionalmente. O Brasil não ficará fora desse movimento, mesmo com o pacote fiscal. Teixeira da Costa diz que, no cenário mais otimista, essa turbulência durará até o primeiro trimestre do ano que vem.

— O pacote fiscal foi a forma encontrada pelo Governo para fazer aquilo que ele vinha tentando adiar desde o início do Plano Real. Mas o rombo das contas não será solucionado com essas medidas — afirma.

O economista chefe do banco ING Barings, Mauro Schneider,

também acredita que o pacote não mudará por si só o quadro da economia nacional, que continua ruim para o investidor estrangeiro. Mas demonstra a preocupação do Governo com seus déficits. E, internamente, tem a vantagem de abrir espaço para que as taxas de juro caiam. Com a previsão de aumento de receita, Schneider acredita que será possível voltar ao mesmo nível de déficit nominal registrado antes da crise, entre 4,5% e 5% do PIB.

— Não existem atos heróicos, mas o mercado ficaria mais preocupado se o Governo apenas aumentasse os juros — afirma.

## Mercado internacional teve um dia mais tranquilo

O clima de relativa tranquilidade no mercado internacional, ontem, ajudou as bolsas brasileiras a se recuperarem. Na Ásia, onde começou a crise que sacudiu os mercados, o dia foi de pequenas baixas em Hong Kong (- 1,11%) e em Tóquio (- 0,88%). Na Coreia, cuja economia passou a sofrer sérias ameaças, a Bolsa de Seul subiu 5,98%, depois do anúncio de que o Governo adotará medidas fortes para afastar qualquer risco de ataque especulativo, apesar de o won, a moeda sul-coreana, ter caído ontem mais 2%.

Na Europa, as bolsas fecharam com pequenas altas em Londres

(+ 0,9) e em Frankfurt (+ 0,35%). Os mercados se animaram com a abertura em alta no mercado americano, mas os volumes negociados foram considerados pequenos. Na Europa e em Nova York, os investidores estão em compasso de espera. Ontem, apesar da abertura em alta, o índice Dow Jones fechou com uma pequena queda (- 0,38%). Além de observarem a situação em outros mercados, especialmente os asiáticos, é grande a expectativa em relação à reunião de amanhã do Federal Reserve (Fed, o banco central americano). É pouco provável um aumento dos juros, mas há temores de que o acelerado ritmo de crescimento da economia dos EUA force uma alta das taxas para segurar uma possível pressão inflacionária. No entanto, a grande maioria dos analistas acredita que o Fed não aumentará os juros num momento de enorme instabilidade no mercado financeiro internacional.

— A crise na Ásia nos salvará esta semana. O Fed teria elementos suficientes para aumentar os juros amanhã. Se não fosse a Ásia, haveria forte probabilidade de os juros subirem — disse o economista Joel Naroff, da First Union Corp. ■

COLABORARAM: Eduardo Diniz e Rachel Bertol, com agências